



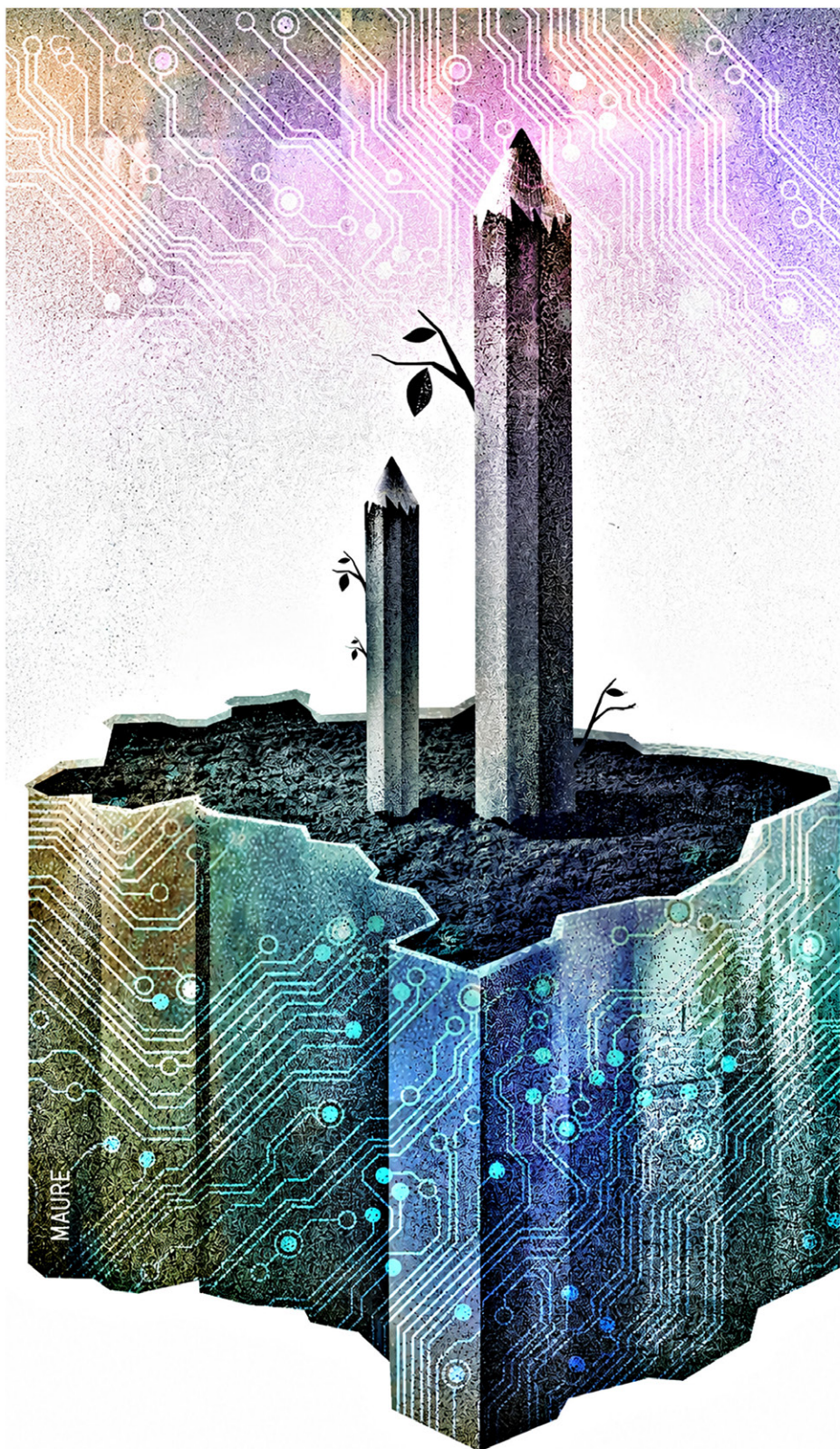
A escola na era pós-algoritmo

Antes da inteligência artificial, uma boa universidade era quase uma apólice de seguro contra a incerteza. Um diploma de Harvard, Stanford ou UnB funcionava como um passaporte para uma carreira promissora. O conhecimento era escasso, e quem o dominava tinha uma vantagem competitiva difícil de alcançar.

Conjuguéi tudo no passado, pois, hoje, a inteligência deixou de ser apenas a capacidade de armazenar informações ou responder corretamente. Uma máquina faz isso em segundos. O diferencial humano começa exatamente onde termina a previsibilidade: na sensibilidade para formular as perguntas certas, na coragem de rever as próprias convicções, na capacidade de cooperar, criar sentido, lidar com ambiguidades e tomar decisões éticas em um mundo em que as respostas já vêm prontas.

A maior missão da educação deve ser, daqui para frente, ensinar que, em vez de competir com a inteligência artificial, o mais urgente é impedir que nós, seres humanos, passemos a nos comportar como máquinas.

Isso exige uma mudança profunda de paradigma. As escolas continuarão ensinando matemática, ciências e literatura, mas precisarão dedicar a mesma seriedade ao desenvolvimento das competências emocionais, do pensamento crítico, da visão sistêmica e da formação do caráter. Afinal, algoritmos processam dados; seres humanos constroem confiança.



É por isso que experiências inovadoras merecem atenção. Em Brasília, o Colégio Levorsse vem desenvolvendo um projeto chamado Disciplina Consciente. Em vez de basear a convivência na vigilância, aposta na autonomia. Os alunos participam da construção das regras, fazem provas sem fiscais e convivem com sistemas fundamentados na confiança. A lógica é simples e poderosa: fazer o certo porque é o certo, e não porque alguém está olhando.

Há algo profundamente contemporâneo nessa escolha. Em uma época em que a inteligência artificial aprende padrões em velocidades inimagináveis, o maior diferencial competitivo do século 21 é, justamente, aquilo que não pode ser automatizado: a integridade. Porque conhecimento pode ser copiado. Caráter, não.

O futuro da educação merece ser das escolas que não apenas se dediquem a ensinar a usar inteligência artificial, mas também a conseguir preservar, cultivar e expandir aquilo que nos torna insubstituívelmente humanos.

Que esse retorno às aulas seja mais do que o início de um novo semestre. Que seja o começo de uma nova compreensão sobre o verdadeiro papel da educação. Aos professores, a missão de inspirar. Aos pais, a responsabilidade de caminhar junto. E aos alunos, a oportunidade extraordinária de desenvolver aquilo que nenhuma tecnologia poderá aprender por eles: a arte de serem plenamente humanos.